

Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra

Georgina Bond Backup
Organização

Libretos

Porto Alegre, 2010

2ª edição



Autores

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Cláudia Dreier

FLORA

Ilsi Iob Boldrini (coord.)

Hilda Maria Longhi Wagner

Lilian Eggers

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS

Adriano S. Melo (coord.)

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Daniela da Silva Castiglioni

Alessandra Angélica de Pádua Bueno

ÁRTROPODOS TERRESTRES

Jocélia Grazia (coord.)

Helena Piccoli Romanowski

Paula Beatriz de Araújo

Cristiano Feldens Schwertner

Cristiano Agra Iserhard

Luciano de Azevedo Moura

Viviane G. Ferro

PEIXES

Luiz Roberto Malabarba (coord.)

Juan Andres Anza

Cristina Luísa Conceição de Oliveira

RÉPTEIS

Laura Verrastro (coord.)

Martin Schossler

ANFÍBIOS

Patrick Colombo (coord.)

Caroline Zank

AVES

Carla Suertegaray Fontana (coord.)

Márcio Reppenning

Cristiano Eidt Rovedder

Mariana Lopes Gonçalves

MAMÍFEROS

Thales O. de Freitas (coord.)

José Francisco Bonini Stolz

Edição Geral

Georgina Bond-Buckup

Adaptação de texto

Cláudia Dreier

Design Gráfico/Editoração

Cláudia Dreier

Capas

Cló Barcellos

Foto de capa

Ludwig Buckup (São José dos Ausentes)

Ilustrações

Vivian Dall Alba

Tratamento de fotos

Carina Prina Carlan

Image Design

Cartografia

Heinrich Hasenack (coord.)

Lúcio Mauro de Lima Lucatelli

B615 Biodiversidade dos campos de Cima da Serra/
2ª. ed. organização de Georgina Bond-Buckup. --
Porto Alegre : Libretos, 2010.
196 p. : il.

1. Biodiversidade 2. Cima da Serra I. Título

ISBN 978-85-88412-17-0
CDU 502.7

Ficha catalográfica elaborada por Rosalia Pomar Camargo
CRB 856/10

Libretos

Rua Pery Machado 222B/707 – Bairro Menino Deus

Cep 90130-130 – Porto Alegre/RS

www.libretos.com.br

libretos@terra.com.br

**Projeto Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra,
RS e SC: popularizando o conhecimento**

Financiamento: MCT/CNPq

Participantes: UFRGS – PUCRS – IGRÉ

Contatos: UFRGS, Instituto de Biociências

Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus do Vale,

prédio 43435, salas 214/217 – Cep 91501-970

Porto Alegre/RS

E-mail: ccs.biodiversidade@yahoo.com.br

4.8 Mamíferos

Os mamíferos incluem no seu grupo animais dos mais diversos tipos. Eles variam desde um morcego de 8 g a uma baleia de 40 toneladas, passando por todas as formas de **carnívoros**, **herbívoros**, **insetívoros**, **carniceiros** e **granívoros**. Devido a esta ampla gama de **morfotipos**, os mamíferos desempenham vários e diversificados papéis no ecossistema.

Na **cadeia alimentar**, eles enquadram-se na classe dos consumidores, pois não conseguem produzir sua própria energia. Podem comer desde insetos até outros grandes mamíferos. Por serem predadores, os mamíferos controlam a quantidade de animais menores, como insetos por exemplo, evitando o crescimento exagerado dessas populações que poderiam tornar-se uma praga. Essa dinâmica permite o equilíbrio do sistema natural. Tal característica faz com que os mamíferos estejam presentes em todos os continentes e em todos os tipos de ecossistemas, desde os desertos até as profundezas dos oceanos.

Primatas incluem homens e macacos

No grupo dos mamíferos está inserido o ser humano, pertencendo ao grupo dos primatas, como os outros macacos. Há muitos milhares de anos, a humanidade passou a criar tecnologias até então não desenvolvidas por espécie alguma. A prática dos novos saberes somada à capacidade de transmitir o conhecimento ao longo das gerações deu origem a uma cultura única, que diferencia a humanidade das outras espécies.

Infelizmente, nos dias de hoje e na maior parte do planeta, o homem perdeu a noção de como viver inserido na natureza sem prejudicá-la. Essa cultura que elevou a humanidade ao *status* de ser pensante, também foi a responsável pelo grande impacto causado pelo ser humano na natureza, através da modificação do ambiente, da caça e da poluição em excesso.

Hoje em dia, as ações humanas construíram uma triste realidade, que pode ser constatada através da ausência de muitas espécies, que estão praticamente extintas dos Campos de Cima da Serra e das matas com araucárias. Desapareceram ou são raramente vistos mamíferos como o lobo-guará, o veado-campeiro, o tatu-de-rabo-mole, o queixada, o tamanduá-bandeira, a anta, o gato-palheiro e outras espécies de menor porte.

O ser humano, como um mamífero, também desempenha um papel fundamental para a manutenção dos ecossistemas. Atuando como uma **espécie topo de pirâmide** alimentar, ele pode modificar extremamente o ambiente em que vive e, através do uso de suas habilidades, subjuga as outras espécies.

O exagero de controle e, principalmente, a alteração do ambiente também trazem conseqüências à espécie humana. Sejam eles efeitos físicos, como o aquecimento global, ou efeitos químicos, como os problemas com agrotóxicos, e, principalmente, efeitos morais, por ser responsável pela destruição do hábitat de tantas outras espécies que dependem hoje de cuidados humanos.

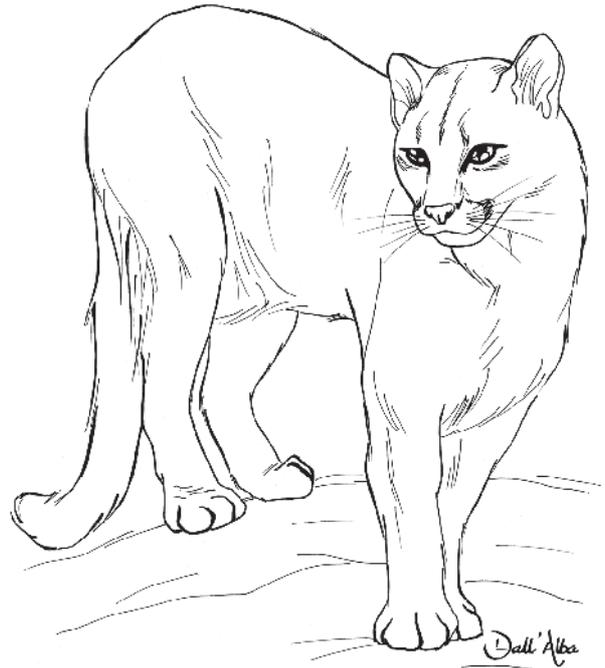
O maior predador do Planalto das Araucárias

O puma, também conhecido como leão-baio, vive principalmente nas áreas de Mata com Araucária e entre capões de mata. Ele pode também caminhar grandes distâncias pelos campos. Necessita de uma área muito grande para conseguir encontrar presas suficientes para sua alimentação. O leão-baio tornou-se o maior predador do Planalto das Araucárias desde que as onças, *Panthera onca*, foram extintas da região.

Com o seu hábitat cada vez mais invadido pelo homem, o puma enfrenta graves problemas no contato com as atividades humanas e precisa fugir dos cachorros, dos caçadores ilegais e esconder-se nos poucos fragmentos de mata ainda existentes. Por faltar comida, ele acaba pegando o que está mais fácil, como ovelhas, porcos e até bezerros. Suas presas preferidas são pacas, cotias, tatus e catetos.

Apesar de essa espécie existir em quase toda a América, eles são muito raros na natureza, e estão em perigo de extinção no Sul do Brasil. As fêmeas podem ter de 1 a 3 filhotes por ano, mas muitos não alcançam a vida adulta devido aos problemas com o ser humano.

Puma



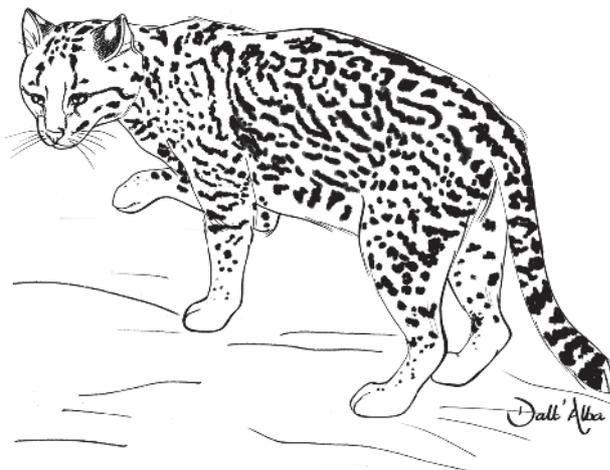
Nome científico: *Puma concolor*

Família: FELIDAE

Peso: de 23 a 74 Kg

Quem tem pinta nem sempre é jaguatirica

Gato-do-mato-pequeno



O gato-do-mato-pequeno é uma das quatro espécies de gatos pintados que habitam o Sul do Brasil, juntamente com a jaguatirica, o gato-do-mato-grande e o gato-maracajá. Habita exclusivamente áreas de mata bem preservadas, desde a Região Norte do Rio Grande do Sul, até a Floresta Amazônica.

Apesar da ampla distribuição, não é encontrado com facilidade na natureza, sendo uma das espécies mais difíceis de serem registradas. Possui as proporções corporais de um gato doméstico, com pintas negras sobre um fundo amarelado, mas também existem indivíduos **melânicos**.

Ele é um exímio caçador, procurando principalmente aves e roedores, tanto no chão quanto sobre os galhos das árvores. Seu principal período de atividade é durante a noite quando tem mais chance de não ser visto por suas presas.

Atraído pela pele, infelizmente, o ser humano ainda caça o gato-do-mato-pequeno e as outras espécies de gatos pintados.

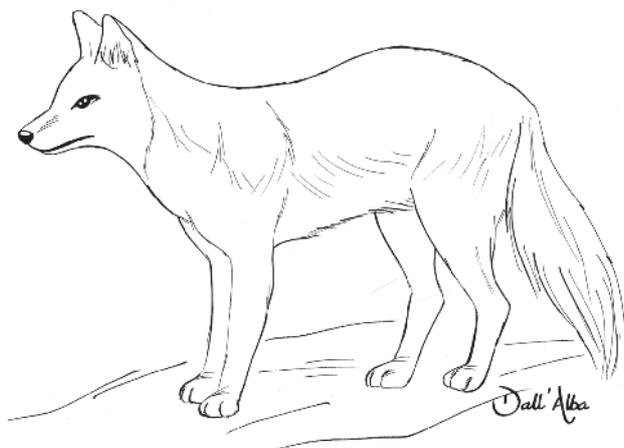
Nome científico: *Leopardus tigrinus*

Família: FELIDAE

Peso: de 1,75 a 3,5 Kg

Este mamífero não se alimenta de ovelhas

Graxaim-do-campo



Nome científico: *Lycalopex gymnocercus*
Família: CANIDAE
Peso: de 3,5 a 5,6 Kg

Entre os mamíferos, o graxaim é um dos mais injustiçados. Atribui-se a ele a terrível fama de atacar rebanhos para comer os filhotes de ovelha e até mesmo, os adultos. Na verdade, essa é uma espécie **oportunista**, relativamente comum em áreas abertas, e que pode se aproximar das criações ovinas com o intuito de alimentar-se da placenta durante a época de nascimentos.

Ele é um dos maiores predadores de pequenos roedores dos campos e, provavelmente, sua extinção levaria a um aumento acentuado na quantidade desses roedores. É encontrado em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em parte do Uruguai e da Argentina.

Apesar de solitários, muitas vezes um casal mantém-se junto para cuidar de um filhote até que ele se torne independente.

O graxaim-do-campo é uma das duas espécies de graxaim do Planalto das Araucárias. A outra é o graxaim-do-mato, que é geralmente mais escuro, tem as orelhas mais curtas e está mais associado com os ambientes florestados.

Quantos ainda existem nos Campos de Cima da Serra?

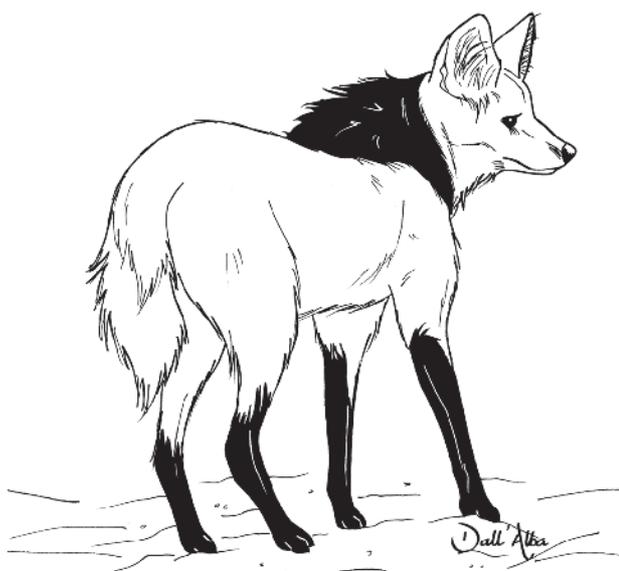
O lobo-guará já habitou toda a Região Sul do Brasil, mas hoje, devido às ações do homem, ele está praticamente extinto, só ocorrendo nas Regiões do Cerrado e do Pantanal. Atualmente, os poucos indivíduos que possam existir no Rio Grande do Sul devem ser encontrados apenas na fronteira com a Argentina e nos Campos de Cima da Serra.

Como ele prefere viver em áreas abertas e é avistado sem dificuldade, tornou-se presa fácil de caçadores que o matavam por sua pele ou simplesmente para eliminá-lo da área, sob o pretexto de que o lobo-guará atacava o gado doméstico.

Na verdade, de lobo ele só tem o nome, pois sua dieta constitui-se essencialmente de pequenos roedores, aves, répteis, ovos, besouros e frutos.

O lobo-guará é a maior espécie de canídeo brasileiro, e prefere viver em locais de campo bem preservados, com capões para se abrigar. Suas áreas preferidas são aquelas com poucos habitantes humanos, as quais estão dei-

Lobo-guará



Nome científico: *Chrysocyon brachyurus*
Família: CANIDAE
Peso: de 20 a 26 Kg

xando de existir devido ao avanço das fronteiras agrícolas sobre os campos do Planalto das Araucárias.

A irara é caçada por alimentar-se de mel

A irara é um carnívoro muito versátil. Ela parece uma espécie de gato misturada com lontra. Possui garras poderosas e dentes fortes. Sobe facilmente em árvores e é uma excelente nadadora também. Sendo assim, passa os dias transitando nas matas e nos capões à procura de alimentos, que podem ser frutos, pequenos animais e, um de seus favoritos, mel. Tal preferência faz com que seja bastante conhecida pelos apicultores, já que pode atacar colméias artificiais, utilizando-se de suas garras para romper as caixas de madeira.

A irara está presente desde a América Central até o norte da Argentina e norte do Rio Grande do Sul, vivendo exclusivamente em ambientes florestados e bem preservados. Mesmo com a ampla distribuição geográfica, encontrá-la torna-se cada vez mais raro.

Devido a seus ataques às colméias, ela é perseguida e morta. Somando-se ao fato de que ela precisa de ambientes florestais bem preservados, e estes são cada vez mais raros, a irara é mais uma espécie que encontra-se ameaçada de extinção no Sul do Brasil.

Irara



Nome científico: *Eira barbara*

Família: MUSTELIDAE

Peso: de 5 a 8 Kg

Exala um cheiro muito forte em situações de perigo

Zorrilho



Nome científico: *Conepatus chinga*

Família: MEPHITIDAE

Peso: de 1,5 a 3 Kg

O zorrilho é bastante conhecido por sua característica mais marcante: o seu cheiro. Ele possui glândulas que liberam e conseguem expelir a uma certa distância um líquido de cheiro ácido e muito forte, que pode ser sentido a centenas de metros. Essa é a sua maneira de defender-se de seus predadores.

Relativamente comum, o zorrilho é encontrado quase exclusivamente em áreas abertas, de campo, onde procura insetos, pequenos roedores, cobras, lagartos e até carniça.

Ao contrário da maioria dos outros mamíferos, que possuem uma coloração de camuflagem, o zorrilho é preto e branco. Essa cor serve para avisar aos outros de que ele possui um eficiente sistema de defesa.

Um dos maiores problemas, que ele compartilha com a maioria dos mamíferos, é que o zorrilho procura a beira das estradas para **forragear** atrás de animais que se escondem no capim mais alto que acompanha o caminho, mas quando vai atravessar a rodovia, acaba sendo atropelado. Tal fato provoca uma mortalidade alta nessa espécie.

Este mamífero tem parentesco com o canguru

Cuíca-cinza-de-quatro-olhos

José Francisco B. Stolz



Nome científico: *Philander frenatus*
Família: DIDELPHIDAE
Peso: de 0,3 a 0,6 kg

Esta espécie é um parente próximo dos cangurus australianos, porém ela pertence a uma linhagem sul-americana que se separou há muitos milhares de anos dos **marsupiais** que vivem na Austrália.

Ocorre na Mata Atlântica e na Mata com Araucária, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. A cuíca prefere alimentar-se de animais como pássaros e seus ovos, de pequenos roedores, de besouros, de gafanhotos e de minhocas, mas se os seus favoritos são difíceis de encontrar, ela pode comer praticamente todo tipo de fruto, inseto e até mesmo carniça.

Como a maioria dos animais selvagens, a cuíca-cinza pode ser portadora de algumas doenças, inclusive algumas que afetam o ser humano, como a doença de Chagas.

Essa espécie não é rara na natureza, mas é difícil vê-la, pois tem hábitos noturnos e muitas vezes descolca-se pelas árvores. Ela é uma exímia trepadora e além disso é conhecida por apresentar um comportamento de defesa muito peculiar. Quando sente-se ameaçada, ela fica em pé, abre os braços e a boca, fazendo um chiado que muitas vezes consegue assustar seus predadores.

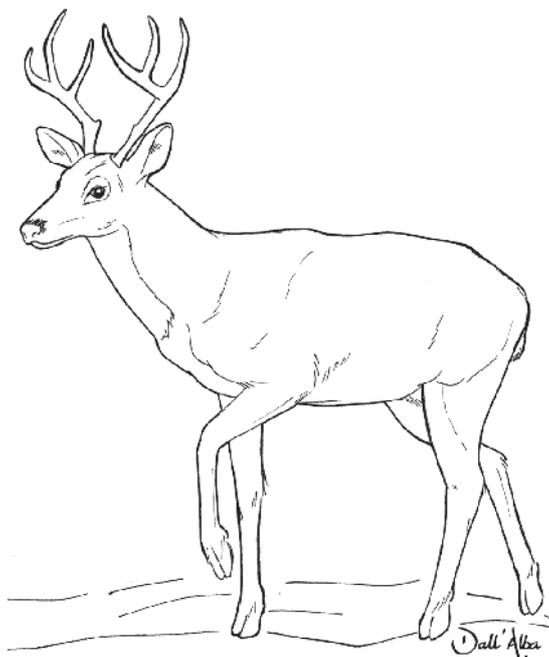
O veado que praticamente desapareceu

O veado-campeiro é uma espécie criticamente ameaçada, estando quase extinta no Planalto das Araucárias. Este fato deve-se, principalmente, pela caça predatória exercida pelo ser humano, que busca, além da carne, obter um troféu de caça com os seus chifres.

Sua caça é facilitada por ter um porte grande e viver em um ambiente aberto; ambos favorecem a sua visualização e a perseguição. Essa espécie ocupa regiões de campo desde o Cerrado até os campos da Pampa na Argentina. Atualmente, ela é uma das espécies selvagens de maior porte presente no ambiente de campos.

Como todos os outros herbívoros, os veados-campeiros alimentam-se exclusivamente de plantas. No seu caso, as **gramíneas** são o principal item do cardápio. Existem registros históricos de grupos formados por dezenas de animais pastando juntos em um mesmo campo. Isso hoje já não acontece no Sul do Brasil por causa do homem.

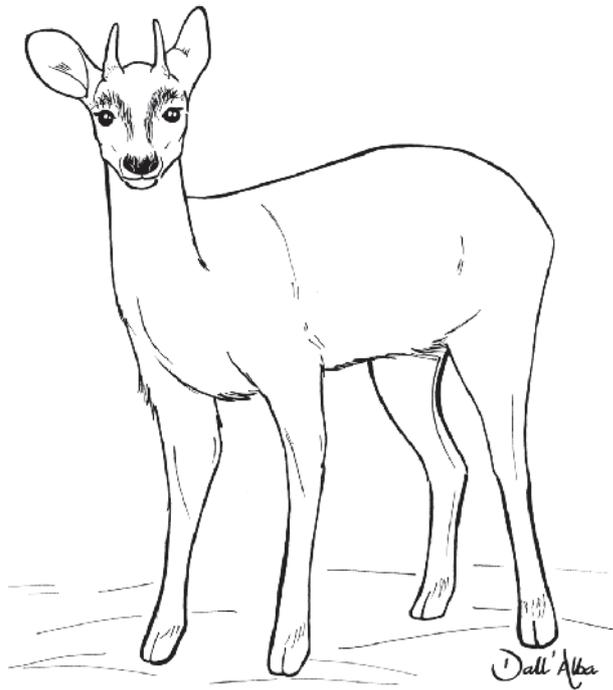
Veado-campeiro



Nome científico: *Ozotocerus bezoarticus*
Família: CERVIDAE
Peso: de 30 a 40 Kg

O menor veado que existe no Brasil

Veado-bororó-do-sul



Nome científico: *Mazama nana*
 Família: CERVIDAE
 Peso: de 8 a 20 Kg

O veado-bororó-do-sul é a menor espécie de **cervídeo** brasileiro, sendo também uma das mais ameaçadas. Sua distribuição ocorre apenas nas áreas florestadas muito bem preservadas do Sul do Brasil, as quais praticamente já não existem.

Como todos os outros veados, ele sofre forte pressão de caça, mesmo sendo tal prática expressamente proibida por lei. Por ser muito raro, não se sabe como a caça e a destruição do hábitat afetam suas populações, motivos que podem levar à extinção da espécie.

O veado-bororó-do-sul possui o tamanho de um cachorro grande, tem o pêlo marrom-escuro e uma **glândula** na frente dos olhos. Ele marca a área onde mora esfregando um líquido viscoso no tronco das árvores. Esse sinal mantém os outros veados distantes e permite que ele aproveite sua parcela de floresta sem problemas.

Essa espécie dá a luz a apenas um filhote por ano. Desta forma, qualquer diminuição no tamanho da sua população pode levar a consequências irreversíveis.

Ele é um dos mais vistos entre os cervídeos

Veado-catingueiro



José Francisco B. Stolz



Nome científico: *Mazama gouazoubira*
 Família: CERVIDAE
 Peso: de 11 a 25 Kg

Semelhante ao veado-bororó-do-sul, o veado-catingueiro também possui uma glândula de marcação do território. Porém, este veado possui maior porte, e sua coloração é, em geral, mais clara, tendendo para o acinzentado.

Distribui-se por boa parte da América do Sul. Ele prefere áreas florestadas, podendo ocupar suas bordas, de onde sai durante a noite para comer a vegetação dos campos.

A espécie é um exemplo da influência do ser humano na natureza. Segundo relatos que não chegam a 200 anos, o veado-catingueiro era encontrado com facilidade e em abundância em todo o sul do Brasil. Mesmo sendo o mais visto entre as espécies de cervídeos, seus registros são pouco abundantes, e é difícil encontrá-lo próximo de habitações humanas.

Ao contrário dos outros gêneros de veado, os Mazamas não apresentam chifres com adornos. Os seus chifres possuem apenas uma haste simples, que cresce anualmente para a estação reprodutiva, com o objetivo de atrair as fêmeas. Passada a fase de procriação, os chifres caem.

Devora muitas formigas e cupins

O tamanduá-mirim é um animal inconfundível. O corpo coberto por pêlos amarelados, o colete negro nas costas, o focinho longo e as possantes garras nas patas dianteiras somados dão-lhe um visual singular.

Distribui-se na metade norte da América do Sul. Ocupa preferencialmente bordas de matas e pode transitar pelo campo em busca de seus alimentos preferidos, cupins e formigas.

A espécie parece ser rara na natureza. Um dos fatores que mais afetam o tamanduá-mirim são os agrotóxicos que, junto com a extração da madeira das florestas, causam uma diminuição acentuada na quantidade de formigas e cupins disponíveis para os tamanduás.

Ele tem um tipo de reprodução lenta, pois a fêmea pare apenas um filhote ao ano. Assim, o cuidado parental da mãe estende-se por um longo período. Esses dois fatores fazem com que um declínio da população possa provocar um **vórtice de extinção** local para essa espécie de tamanduá.

Tamanduá-mirim



Nome científico: *Tamandua tetradactyla*
Família: MYRMECOPHAGYDAE
Peso: de 5 a 8 Kg

Formavam os maiores bandos de mamíferos do continente

Queixada



José Francisco B. Stolz



Nome científico: *Tayassu pecari*
Família: TAYASSUIDAE
Peso: de 25 a 40 Kg

O queixada, ou porco-do-mato-de-queixo-branco, é uma das duas espécies de porcos-do-mato nativos do Brasil. Ele possui tamanho maior que o cateto, a outra espécie, com distribuição geográfica semelhante. Ele lembra um porco, mas é seu parente muito distante.

Era encontrado em abundância em toda a metade norte da América do Sul, mas principalmente devido à caça, hoje é uma espécie ameaçada de extinção no Sul do Brasil.

Ele prefere ocupar ambientes com refúgios florestados, onde se esconde em caso de necessidade, mas pode facilmente cruzar áreas abertas e sair para as bordas das matas e capões para buscar alimento.

Antigamente, formavam os maiores bandos de mamíferos já registrados na América do Sul, o que facilitava a defesa contra predadores e a busca por alimentos.

Ele pode comer todo tipo de vegetais, incluindo raízes duras e sementes, e até mesmo pequenos animais que encontra sob o folhicho que revira com seu focinho muito resistente. Está muito associado com o ciclo do pinhão, um de seus alimentos preferidos.

O seu ronco ecoa nas matas da serra

Conhecido pela sua capacidade de fazer-se escutar a centenas de metros, o bugio macho usa o **hióide** para mostrar aos outros bandos qual a sua área de uso.

Os bugios-ruivos passam o dia todo nas copas das árvores, alimentando-se de folhas, e são encontrados em toda a Região Sudeste e no Leste do Brasil.

Eles vivem em grupos familiares, liderados pelo macho, e suas atividades são basicamente alimentar-se, manter seus territórios através dos roncões e, eventualmente, através de agressões físicas. Procuram ficar em bando para evitar o ataque de jaguatiricas e de gaviões pegamacaco, do gênero *Spizaethus*.

O cuidado parental ou o elo da mãe com o filhote lembra o do ser humano. A mãe carrega o e tem cuidados especiais até que ele consiga sua independência.

A maior ameaça aos bugios é a diminuição das matas. Além de restringir a disponibilidade de alimento, reduzem os abrigos e a possibilidade de passar de um lugar para o outro, pois eles têm dificuldade para transitar pelo chão.

Bugio-ruivo



Nome científico: *Alouatta guariba*

Família: CEBIDAE

Peso: de 4 a 10 Kg

Um tatu muito pouco conhecido pela ciência

Tatu-de-rabo-mole



Nome científico: *Cabassous tatouay*

Família: DASYPODIDAE

Peso: de 3 a 5 Kg

O tatu-de-rabo-mole tem características bastante diferentes dos outros tatus. Em geral, ele é bem maior, mais arredondado, com as orelhas mais curtas e ovaladas e, principalmente, não possui **revestimento córneo** em sua cauda.

As características biológicas da espécie são muito pouco conhecidas, tanto pela dificuldade de vê-lo na natureza, quanto pela falta de especialistas em tatus.

A espécie está presente em grande parte das Regiões Sul e Sudeste do Brasil, no Uruguai, no Sudeste do Paraguai e no Noroeste da Argentina. Atualmente, tornou-se raro encontrar indivíduos dessa espécie.

Eles são ativos durante a noite, quando usam suas grandes e fortes garras para cavar o solo em busca de cupins e formigas, seus alimentos preferidos. Atualmente, o tatu-de-rabo-mole encontra-se ameaçado de extinção por causa da destruição do seu habitat e da caça predatória, sendo abatidos pelos seres humanos para utilizá-lo como alimento.

Um rato muito diferente dos outros roedores

Guiara

Thales R. O. Freitas



Nome científico: *Euryzgomatomys spinosus*
Família: ECHIMYIDAE
Peso: de 0,15 a 0,30 kg

Entre as espécies de roedores que habitam o Planalto das Araucárias, *Euryzgomatomys spinosus* é uma das mais interessantes. Ele pertence a uma família de roedores em que a maioria apresenta vida **arborícola**, apre-



sentando o corpo alongado e a cauda comprida, para dar equilíbrio quando se deslocam pelos galhos das árvores. Tais características tão comuns não aparecem no guiara, que apresenta corpo robusto e cauda curta vive no chão e, ainda destaca-se por produzir túneis na vegetação rasteira por onde se desloca e se alimenta.

Podem ser encontrados na Mata Atlântica sul e sudeste, e nas Matas com Araucária, mas não são muito abundantes na natureza.

Euryzgomatomys spinosus tem **situação populacional** e características ecológicas, como reprodução, alimentação e comportamento, praticamente desconhecidas.

Do pouco que se sabe, há registros de que essa espécie começou a alimentar-se da casca de árvores introduzidas, como pinus, desde que essa planta exótica começou a ser plantada na Região Sul do Brasil.

A sua identificação é dada pelas costas pretas

O rato-do-mato-de-costas-pretas é uma espécie característica da Mata com Araucária. Esse roedor alimenta-se de sementes e pinhões, funcionando algumas vezes como dispersor de sementes, contribuindo para manter o crescimento da floresta.

A espécie pode ser encontrada com facilidade na Mata com Araucária, e, em menor quantidade, nas áreas mais baixas da Mata Atlântica, no Sudeste do Brasil.

Além de dispersor de sementes, o rato-do-mato-de-costas-pretas é importante na **cadeia trófica**, pois é um significativo item alimentar de carnívoros que habitam a região, como por exemplo a jagatirica, o leão-baio, o gato-mourisco e o graxaim-do-mato.

Ele apresenta uma faixa de pêlos mais escuros que vai desde a parte traseira da cabeça até a base da cauda. Tal característica dá origem a seu nome popular. A sua coloração pode variar tanto em diferentes tons acinzentados, quanto em diferentes padrões de contraste da linha escura em relação ao restante da pelagem. Foram registrados na natureza até mesmo indivíduos **albinos**.

Rato-do-mato-de-costas-pretas



Jorge R. Marinho

Nome científico: *Delomys dorsalis*
Família: CRICETIDAE
Peso: de 0,028 a 0,040 kg

Mesmo comum, ele é importante para a diversidade

O rato-do-mato é uma espécie muito parecida com pelo menos outras três espécies que vivem no Planalto das Araucárias: *Necromys*, *Bucepatersonius* e *Tapthomys*, todos da mesma família. As quatro possuem nome popular idêntico. A diferenciação em geral deve-se ao **número cromossômico**. Cada espécie tem um número característico, impedindo a reprodução entre elas

Mesmo sendo uma espécie fácil de ser encontrada, ela desempenha importante papel no ecossistema. Além de ser abundante, o rato-do-mato consome uma grande quantidade de recursos vegetais, podendo atuar até mesmo como praga em locais com muita comida disponível, como nas lavouras e nos celeiros.

Estando acessível no ambiente em grande quantidade, ele torna-se um dos principais itens alimentares de vários animais carnívoros que vivem no seu hábitat.

Por estar disponível como alimento, um maior número de animais aproveitam esse recurso alimentar, aumentando a diversidade de espécies na Região.

Rato-do-mato



José Francisco B. Stolz

Nome científico: *Akodon montensis*

Família: CRICETIDAE

Peso: de 0,011 a 0,045 kg

O narigudo tem hábitos discretos

O rato-narigudo é relativamente grande. Ele tem a cauda e os membros curtos e as garras bem aparentes, favorecendo a escavação. Entre todas as suas características, a mais marcante é seu longo nariz. Este o ajuda a encontrar e a capturar os insetos, no chão, e as minhocas e as planárias, escondidas sob as folhas e na superfície do solo.

Apesar de seu grande focinho, é uma espécie de hábitos discretos, saindo sempre à noite para exercer suas atividades.

Ele consome pequenos invertebrados da floresta, cumprindo um papel de destaque no controle de espécies como grilos, pulgões, baratas-do-mato e besouros. Ele é um dos alimentos preferidos dos animais carnívoros que vivem na floresta.

Essa espécie ocorre na Região Sul do Brasil, e é encontrada com certa facilidade em florestas em estado de conservação que variam entre médios a bons.

O rato-narigudo não está incluído na lista das espécies ameaçadas de extinção do Rio Grande do Sul.

Rato-narigudo



José Francisco B. Stolz

Nome científico: *Oxymycterus nasutus*

Família: CRICETIDAE

Peso: de 0,050 a 0,080 kg

O lugar do mão-pelada é um riacho bem limpinho

O mão-pelada pode ser encontrado em quase toda a América do Sul, sempre associado a ambientes aquáticos, como rios, riachos e banhados. A espécie lembra um cachorro, mas na verdade possui maior grau de parentesco com a lontra e o quati.

Sua alimentação varia de roedores a insetos, passando por frutos e artrópodes que pesca na água, como as *Aegla*, encontradas nos rios limpos. O mão-pelada não é uma espécie rara, mas como suas atividades de forrageamento são realizadas quase exclusivamente à noite, é muito difícil vê-lo em ação.

Seu nome popular deve-se ao comprimento de seu pêlo nas patas traseiras e dianteiras, muito mais curto do que no restante do corpo. Ele entra na água e vasculha o fundo dos riachos com as patas dianteiras, revirando as pedras à procura de invertebrados para comer. Ao contrário do Racoon, *Procyon lotor*, seu primo norte-americano, os mão-pelada da América do Sul não costumam chegar perto das casas ou de cidades para alimentarem-se de lixo. Os sul-americanos preferem ambientes de floresta com riachos de água limpa.

Mão-pelada



Nome científico: *Procyon cancrivorus*

Família: PROCYONIDAE

Peso: de 7 a 12 Kg

Um dos menores mamíferos do mundo

Cuíca-de-cauda-curta



Nome científico: *Monodelphis dimidiata*

Família: DIDELPHIDAE

Peso: de 0,025 a 0,045 kg

A cuíca-de-cauda-curta é um dos menores mamíferos que existem. Os adultos tem o tamanho aproximado de um camundongo.

Ela vive exclusivamente em campos bem preservados no Sul do Brasil, no Norte da Argentina e no Uruguai. As populações têm muitos indivíduos, o que mesmo assim não traz segurança à espécie.

Uma das características mais interessantes da cuíca-de-cauda-curta é reproduzir-se apenas uma vez na vida, dando à luz a muitos filhotes e morrendo em seguida. Isso significa que, se por algum motivo, em um determinado ano as fêmeas não conseguirem dar à luz, provavelmente aquela população vai desaparecer.

A espécie também necessita de campos bem conservados, onde passa a noite buscando insetos e sementes, seus alimentos preferidos. Como não existe uma legislação específica para conservar os campos e eles servem para pastagem, o ser humano modifica totalmente esse ambiente, podendo levar ao desaparecimento da cuíca-de-cauda-curta.

Um pequeno morcego muito bonito e ameaçado

Morcego-borboleta-avermelhado

José Francisco B. Stolz



Nome científico: *Myotis ruber*
 Família: VESPERTILIONIDAE
 Peso: de 0,008 a 0,015 kg

Esta é uma das espécies de morcego consideradas entre as mais ameaçadas no Sul do Brasil. Os poucos registros limitam-se a áreas de floresta bem preservadas, nos domínios da Mata Atlântica e da mata com araucárias.

Por ser tão rara, suas características biológicas, como alimentação, esconderijos e reprodução são praticamente desconhecidas.

O morcego-borboleta-avermelhado, assim como todos os morcegos insetívoros, são muito importantes no controle da quantidade de insetos, sendo que eles consomem seu próprio peso em insetos todas as noites.

A extinção de qualquer espécie pode causar um desequilíbrio no ambiente onde ela vive, pois o papel específico representado por ela não será preenchido de maneira eficiente por outra espécie.

O nome popular do morcego-borboleta-avermelhado deve-se à sua maneira de voar, que lembra uma mariposa, batendo as asas e mudando de direção freneticamente enquanto caça insetos no interior das florestas.

Esta espécie controla populações de insetos

Morcego-orelhudo

José Francisco B. Stolz



Nome científico: *Histiotus montanus*
 Família: VESPERTILIONIDAE
 Peso: de 0,012 a 0,018 kg

O morcego-orelhudo é uma espécie típica de morcego, com grandes orelhas, que servem para o funcionamento do sistema de **ecolocalização**. Tal sistema é utilizado para detectar o seu alimento, os insetos, em pleno vôo.

O morcego-orelhudo está distribuído por regiões de campo da parte central da América do Sul. Infelizmente, suas populações não são numerosas, sendo muito difíceis de serem encontradas.

Um fator que limita a sua presença é a qualidade do ambiente. Esse morcego precisa de árvores velhas com fendas, ocos, para se abrigar durante o dia. No início da noite, eles saem do seu esconderijo para alimentarem-se exclusivamente de insetos, como besouros e mariposas, encontrados em locais abertos como campos e sobre banhados. Os morcegos insetívoros são muito importantes no controle destas populações.

Parte do nome científico da espécie vem do grego, *histion*, que significa “vela”, e *oto*, “orelha”. O *montanus* tem origem no latim, significando “montanha”. Ele é o morcego “orelha de vela da montanha”.